

Biografia e temporalidade



Morte e vida, de Gustav Klimt, 1910-1915, óleo sobre tela, fotografia, montagem (detalhe).

Alexandre de Sá Avelar

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador do CNPq. Organizador, entre outros livros, de *História, para quê, para quem?* Teresina: Cancioneiro, 2024. alexandre.avelar@uol.com.br

Biografia e temporalidade

Biography and temporality

Alexandre de Sá Avelar

RESUMO

As relações controversas e críticas entre história e biografia parecem ter alcançado certa estabilidade em torno da hipótese de que os estudos sobre trajetórias individuais adquiriram um estatuto relevante nas agendas de pesquisa dos historiadores. Ao longo das últimas décadas, diversos debates explicitaram os contornos teóricos e epistemológicos desse *biographical turn*. A proliferação dessas discussões — que frequentemente também envolveram sociólogos e teóricos da literatura — suscita a pergunta sobre o que ainda se pode dizer a respeito da biografia. Neste ensaio, procuro explorar um aspecto menos investigado pelos historiadores: as relações entre biografia e temporalidade. As questões aqui colocadas organizam-se em dois movimentos. No primeiro, retomo o problema da contemporaneidade dos relatos sobre indivíduos do passado a partir de uma inversão, mobilizando a noção de biografia inatual. O segundo caracteriza-se por uma abordagem crítica dos usos da ideia de contexto histórico mobilizada em muitas biografias, tendo como contraponto o conceito de evento. Como resultado desses dois movimentos, busco, ao final do ensaio, esboçar alguns apontamentos sobre as possibilidades que as questões discutidas abrem para as escritas de vidas.

PALAVRAS-CHAVE: biografia; escrita da história; temporalidade.

ABSTRACT

The controversial and critical relations between history and biography seem to have reached a certain degree of stability around the assumption that studies of individual trajectories have acquired a relevant status within historians' research agendas. Over the past decades, numerous debates have outlined the theoretical and epistemological contours of this biographical turn. The proliferation of these discussions—often involving sociologists and literary theorists as well—raises the question of what can still be said about biography. In this essay, I explore a dimension that has received comparatively little attention from historians: the relationship between biography and temporality. The argument unfolds in two movements. First, I revisit the problem of the contemporaneity of narratives about individuals from the past by proposing an inversion, articulated through the notion of untimely biography. The second movement offers a critical examination of the uses of the idea of historical context mobilized in many biographies, taking the concept of the event as a counterpoint. As a result of these two movements, the essay concludes by outlining some reflections on the possibilities that the issues discussed open up for the writing of lives.

KEYWORDS: *biography; historical writing; temporality.*



Este texto é um ensaio de reflexão sobre a biografia. Não tenho a intenção, portanto, de demonstrar, de modo inequívoco, uma tese ou oferecer uma solução definitiva resultado para dilemas relativos às relações entre escrita biográfica e escrita da história – tema de algumas das minhas investigações ao longo dos últimos anos.¹ O esforço aqui é tão somente o de colocar algumas ideias em movimento. A forma crítica do ensaio decorre, sobretudo, da não identificação entre a exposição e o objeto exposto, provocando os conceitos a transitarem por meio de pensamentos que se entrecruzam sem formar uma linha ou direção precisa. O ensaio, com seu caráter experimental, parece-me uma forma mais adequada para produzir tensões em torno de um objeto – a escrita de vidas – que nunca se encontra “à disposição” ou pronto para ser plenamente controlado pela grade conceitual do analista.² Após décadas de discussão teórica sobre as práticas de escrita biográfica, as formulações que pretendem “representar” ou “dar sentido” a uma trajetória individual são cada vez menos aceitas sem reservas ou dúvidas. A vida, portanto, como o intraduzível que deve ser traduzido. Em sua leitura aguda sobre a psicanálise, Jacques Derrida vislumbrou pistas significativas para enfrentarmos o desafio biográfico por meio de uma série de descrições de modos de “impressão, de inscrição, de reprodução, de formalização, de codificação e de tradução de marcas”.³

Como gênero historiográfico, a morte da biografia já foi decretada inúmeras vezes.⁴ Um inventário dessas orações fúnebres seria, certamente, infrutífero e fugiria dos propósitos deste ensaio. Cumpre apenas destacar que as narrativas de vida resistiram, outras tantas vezes, a essa sentença derradeira. A pergunta sobre o interesse despertado pelos relatos que procuram transmitir os traços de uma experiência individual ao longo do tempo nunca deixou de ser feita. As respostas, como se sabe, são múltiplas, mas algumas se tornaram relativamente constantes: a biografia poderia inspirar, por meio de trajetórias de sujeitos ilustres, condutas e modos de ação através da exemplaridade; poderia também favorecer a compreensão do papel e do funcionamento das instituições e dos sistemas normativos que atuam sobre o indivíduo e os modos pelos quais são tensionados por ele; além disso, proporcionaria uma espécie de espelho existencial a partir do qual os leitores – e, por que não, também os biógrafos? – poderiam refletir sobre suas próprias vidas e formas de estar no mundo.

¹ Este ensaio é o resultado de alguns projetos aos quais, como coordenador ou integrante da equipe, estive vinculado nos últimos anos. Sou grato ao CNPq e à Fapemig por financiá-los.

² Cf. SELLIGMAN-SILVA, Márcio. Derrida: tradução, testemunho e “otobiografia”. *Alea*, v. 22, n. 3, Rio de Janeiro, set.-dez. 2020, p.108.

³ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, p. 26.

⁴ Para uma boa discussão sobre as “mortes” da biografia, ver GONÇALVES, Márcia de Almeida. A morte e a morte da biografia. In: OLIVEIRA, Rodrigo Perez e PINHA, Daniel Silva (orgs.). *Tempos de crise: ensaios de história política*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

A recorrência com que essas respostas são postas em circulação talvez explique alguns diagnósticos segundo os quais haveria uma certa “preguiça teórica” entre os estudiosos e praticantes do gênero biográfico. Tal é a posição, por exemplo, de Hans Renders, em texto no qual lamenta que a teoria não desempenhe o papel necessário de despertar a consciência dos biógrafos. Para esse autor, uma moldura teórica conferiria maior consistência ao gênero biográfico, pois “qualquer pessoa disposta a ler um livro inteiro sobre uma pessoa certamente desejará saber como o autor dessa história procedeu, quais são seus pontos de partida e suas intenções. Uma inserção teórica não precisa atrapalhar uma biografia bem escrita”.⁵

Esse déficit não parece ser um problema fundamental entre os historiadores brasileiros. Na apresentação do livro que Benito Schmidt e eu organizamos, intitulado *O que pode a biografia*, nossa interrogação era justamente a oposta: o que ainda podemos escrever sobre a biografia do ponto de vista teórico?⁶ A pergunta vinha precedida de algumas constatações: havíamos investigado inúmeros impasses teóricos que atormentavam os historiadores quando decidiam escrever biografias; debatemos, em extensão e profundidade, temas como o papel da agência em meio aos sistemas normativos impostos aos indivíduos, a “ilusão biográfica”, o *status* dos personagens biografados, as implicações éticas e morais do exercício de adentrar vidas alheias. Então, o que ainda poderia ser dito?

Neste ensaio, procuro explorar um ângulo que, a meu ver, ainda demanda mais investigações: o das relações entre biografia e temporalidade. Para tanto, proponho dois movimentos analíticos: no primeiro, o objetivo é discutir a ideia de uma biografia inatural a partir da leitura de um livro do historiador chileno Pablo Aravena; em seguida, examino as possibilidades de repensar a relação entre contexto e indivíduo por meio da noção de evento. Tomados em conjunto, esses dois movimentos podem contribuir para uma retomada crítica – e talvez um pouco mais criativa – da discussão teórica sobre a biografia.

Biografia inaturalista?

Aquelas classificações sobre a utilidade do gênero biográfico, descritas acima, relacionavam-se a regimes de historicidade e historiográficos específicos. Havia uma compreensível confluência entre um regime de historicidade antigo – no qual o passado funcionava como um repositório moral para o presente – e a escrita biográfica que transformava os personagens em fontes de inspiração para os leitores, exemplos magistrais que conformavam modelos de conduta. Como bem apontou François Dosse, nesse registro a biografia operava sob o regime da mesmidade: uma identificação, construída pela narrativa de indivíduos ilustres, que unia passado e presente.⁷

⁵ RENDERS, Hans. The deep-rooted fear of theory among biographers. In: RENDERS, Hans e VELTMAN, David (eds.). *Fear of theory: towards a new theoretical justification of biography*. Leiden: Brill, 2021, p. 15 (tradução minha).

⁶ Ver AVELAR, Alexandre de Sá e SCHMIDT, Benito Bisso. Apresentação. O que pode a biografia hoje. In: AVELAR, Alexandre de Sá e SCHMIDT, Benito (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

⁷ Ver DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2010.

Alguns autores – como Christophe Bouton e, entre nós, Valdeci Araújo⁸ –, demonstraram que a tópica da história *magistra* conservou sua força na época moderna, o que implicou a continuidade das narrativas biográficas que se propunham a traduzir as vidas de homens de outros tempos por meio de um conjunto de valores e princípios destinados a operar, no presente, como índices morais a serem seguidos. Entretanto, é forçoso reconhecer que essas narrativas se pluralizaram e que as vidas passaram a ser estudadas a partir de tramas comuns, de interações e de cruzamentos identitários. Ao mesmo tempo, já não suscita conflitos irremediáveis o reconhecimento de que o biógrafo não se anula diante da visibilidade do seu personagem, mas nele se implica diretamente, redefinindo a própria noção de distância.⁹

Uma extensa historiografia já apresentou, de forma bastante exitosa, a meu ver, os limites e possibilidades desses usos mais conhecidos.¹⁰ Parece-me, entretanto, que como reflexão sobre o tempo histórico – e mais especificamente sobre as políticas do tempo –, a biografia ainda não foi sistematicamente investigada. A razão talvez resida em um aspecto que, de certo modo, atravessa todas as apropriações e funções apontadas anteriormente a ponto de se tornar uma evidência: o relato biográfico sustenta-se pela percepção de que, de algum modo, podemos tornar nossos contemporâneos os personagens do passado aos quais nos dedicamos a ler e a desvendar os principais aspectos de suas existências. A ideia de que a biografia, como lembra Barbara Caine, envolve a percepção de que algum grau de proximidade com a vida do personagem biografado e com o seu mundo é possível – e mesmo desejável.¹¹ Os graus dessa proximidade são, evidentemente, variáveis, mas as narrativas de vida que não estabelecessem alguma identificação com os seus leitores estavam condenadas à indiferença. Assim, a perspectiva de um desengajamento absoluto do biógrafo em relação ao sujeito de sua investigação, como defende Leon Edel, parece encontrar cada vez menos adeptos.¹² A posição de Edel era,

⁸ Ver ARAÚJO, Valdeci Lopes. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008, e BOUTON, Christophe. Learning from history. The transformations of the topos historia magistra vitae in modernity. *Journal of the Philosophy of History*, v.13, n. 2, Leiden, 2019.

⁹ Uma das discussões recentes mais estimulantes sobre a noção de distância histórica pode ser encontrada em BEVIR, Mark. Porque a distância histórica não é um problema. *História da Historiografia*, n.18, Ouro Preto, 2015.

¹⁰ Ver, por exemplo, AMBROSIUS, Lloyd E. (ed.). *Writing biography: historians and their craft*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004; AVELAR, Alexandre de Sá e SCHIMDT, Benito Bisso (orgs.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012; *idem*, *O que pode a biografia, op. cit.*; CAINE, Barbara. *Biography and history*. New York: Palgrave Macmillan, 2010; HUISMAN, Marijke. *Autobiography and other lives narratives. Bloomsbury History: Theory and Method Articles*, s./n., London, 2021; LEE, Hermione. *Biography: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2009; LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011; NOLAN, Melanie. *Biography: an historiography*. New York: Routledge, 2023; RENDERS, Hans, DE HAAN, Binne and HARMSMA, Jonne (orgs.). *The biographical turn: lives in History*. London: Routledge, 2017; RENDERS, Hans and DE HAAN, Binne (eds.). *Theoretical discussions of biography: approaches from history, microhistory, and life writing*. Leiden-Boston: Brill, 2014, e SOUZA, Adriana Barreto. *Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder*. *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*, v. 29, Seropédica, 2007.

¹¹ Ver CAINE, Barbara. *Biography and the question of historical distance*. In: PHILLIPS, Mark Salber, CAINE, Barbara and THOMAS, Julia Adeney (eds.). *Rethinking historical distance*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 67.

¹² Vejamos as provocadoras palavras de Edel: “Os biógrafos tornam-se impacientes quando se levanta a questão de sua relação emocional com o personagem biografado. Na maioria dos casos, admitem gostar de seu objeto de estudo; podem até confessar um interesse voyeurístico, mas hesitam em discutir o que os



sem dúvida, extrema: para ele, a transferência envolvida em toda escrita biográfica terminava por glorificar ou vilanizar o personagem biografado. Nada, enfim, que pudesse lembrar a “estranha amizade póstuma” entre biógrafo e biografado de que falava Virginia Woolf.¹³

Trata-se, talvez, de outro tipo de “ilusão biográfica”: a de imaginar que os homens e mulheres de outros tempos, por meio das narrativas de suas vidas, terão sempre algo a nos dizer. Talvez simplesmente não tenham ou o façam de outro modo. É essa aparente falta que pode abrir novos horizontes de reflexão sobre o gênero biográfico, a partir de uma visada crítica sobre o tempo histórico e as diversas modalidades de temporalização, incluindo aquelas declaradamente anacrônicas.¹⁴

Certa noção de contemporaneidade pode sugerir, ao contrário das modalidades de temporalização que nos aproximam dos nossos personagens do passado, formas de inadequação e de desajuste em relação ao nosso tempo – uma inversão que, ademais, Nietzsche já formulara. Nesta perspectiva, é contemporâneo do seu tempo quem não coincide plenamente com ele ou mesmo quem atua contra ele. De acordo com Giorgio Agamben, em explícito diálogo com o filósofo alemão,

*A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que se adere através de uma dissociação e de um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não podem manter fixo o olhar sobre ela.*¹⁵

Se a intempestividade e o desencaixe anacrônico são condições de possibilidade para a apreensão do contemporâneo, o que podemos ver do nosso tempo quando fixamos o olhar sobre ele? A questão, tal como formulada por Agamben, suscita uma resposta que amplia a compreensão do fenômeno que nos interessa. Contemporâneo é aquele que consegue enxergar, para além das luzes, a escuridão, a obscuridade e as trevas do seu tempo. Trata-se de um tipo particular de visão, aquela que ocorre em ambientes privados de luz, quando passamos a perceber o que se denomina escuro como resultado da ação de nossas células *off-cells*. Assim, enxergar o escuro não é uma atitude passiva e desmobilizada, mas “implica uma atividade e uma habilidade particular que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da épo-

motivou em sua escolha, ou quais impulsos mobilizam ao avaliar o estilo de vida de seu herói ou heroína. Aquilo contra o que frequentemente lutam é a própria resistência a descobrir verdades desagradáveis e o que seus eus secretos estão fazendo ao moldar os materiais”. EDEL, Leon. *Writing lives. Principia biographica*. New York: W. W. Norton, 1984, p. 67 (tradução minha).

¹³ Ver WOOLF, Virginia. *A arte da biografia*. In: *O valor do riso e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

¹⁴ Ver HANß, Stefan. The fetish of accuracy: perspectives on early modern time(s). *Past and Present*, v. 243, n. 1, Oxford, 2019; KLEINBERG, Ethan. Deconstructing historicist time, or time’s scribe. *History and Theory*, v. 62, n. 4, Middletown, 2023; LILTI, Antoine. Seria Rabelais nosso contemporâneo? *História intelectual e hermenêutica crítica*. In: SALOMON, Marlon (org.). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Ricochete, 2018; RANCIÈRE, Jacques. Anachronism and the conflict of times. *Diacritics*, v. 48, n. 2, Ithaca, 2020; *idem*, O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011.

¹⁵ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009, p. 59.

ca para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, entretanto, separável daquelas luzes”.¹⁶

Como diferença e heterologia temporal, o que nos é marcadamente inatual é também o que possibilita a operação historiográfica nos termos pensados, entre outros, por Michel de Certeau.¹⁷ Na perspectiva do historiador francês, só há conhecimento propriamente histórico – e, conseqüentemente, consciência histórica – a partir dessa diferença entre os tempos e da constatação de que aquilo que nos antecedeu pertence a um tempo outro, assim como o tempo que virá será também distinto daquele que vivemos no presente.

Essas considerações podem fornecer pistas para um exercício crítico de escrita biográfica capaz de fazer ver que certos indivíduos, ao contrário do que o nosso presente pode sugerir, não nos são atuais ou resistem a uma aproximação mais imediata com o nosso tempo. A percepção dessa diferença, longe de nos afastar desses personagens, redimensiona nossa relação com eles a partir do signo de uma falta e, ao mesmo tempo, nos obriga a reavaliar a nossa própria experiência com o tempo e com a história.

A inatualidade de um indivíduo, do seu pensamento e de suas ações reveste-se, por outro lado, da possibilidade de uma nova mirada em direção à noção de consciência histórica, compreendida como a relação entre discurso histórico e ação. Trata-se de uma forma específica, moderna, de articulação entre passado, presente e futuro legitimada pela abertura à intervenção dos sujeitos em direção a um devir transformador. Biografar um indivíduo significa, nessa chave, não apenas retornar aos movimentos de reflexão sobre a subjetividade no campo da historiografia e das ciências humanas. O gesto de narrar vidas inatuais e projetos que nos soam anacrônicos pode reinserir formas de pensamento e de ação política que redimensionem a historicidade do nosso tempo, tão marcado por um aceleracionismo presentista que parece tudo consumir.

Desloco-me, brevemente, para um livro que apresenta uma discussão estimulante sobre esses desencaixes anacrônicos que podem emergir da leitura do passado através de uma trajetória individual, ainda que seu autor não proponha a escrita de uma biografia em seu sentido estrito. Trata-se de *La inactualidad de Bolívar: anacronismo, mito y conciencia histórica*, do historiador chileno Pablo Aravena.¹⁸

Ao estudar o pensamento historiográfico e político de Simón Bolívar, Aravena parte das invocações do passado produzidas pelo bolivarianismo mais recente – dado que há uma multiplicidade de leituras que sustentam interpretações diversas desse personagem, ele próprio, contraditório. Esse ponto de partida serve para demonstrar como as apropriações contemporâneas de Bolívar estão marcadas por uma trivialização do passado, um esteticismo que se distancia cada vez mais de uma apreensão histórica – ou historicista – daquele político e revolucionário. Para Aravena, esse abandono da história, típico da lógica cultural do capitalismo tardio e do seu correlato presentismo, significa a perda de nossa capacidade de, a partir de uma visada crítica

¹⁶ *Idem.*

¹⁷ Ver CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

¹⁸ Ver ARAVENA NÚÑEZ, Pablo. *La inactualidad de Bolívar: anacronismo, mito y conciencia histórica*. Santiago: Ril, 2022.

ao passado, construir projetos de futuro que não se limitem à mera reprodução atualista do presente.¹⁹

Assim, Aravena identifica no movimento bolivariano atual, desde Chavez, uma mitologização acrítica de Bolívar: uma modalidade de passado prático que o banaliza e o instrumentaliza em um horizonte distinto daquele da história. Daí resulta uma operação que mescla usos políticos tradicionais do passado (mito, monumento, herói) com signos do presentismo, gerando um Bolívar patrimonializado. A filiação bolivariana de Chávez foi construída em um movimento duplo entre passado e presente: por um lado, o chavismo elaborou uma realidade na qual Bolívar já antecipava problemas da Venezuela contemporânea; por outro, o Libertador foi livremente apropriado pelas exigências do presente.

O esforço intelectual de Aravena não consiste em oferecer uma interpretação alternativa que, distinguindo-se da vulgata chavista, se caracterizasse por uma representação mais ponderada e justa da controversa figura de Bolívar. O que o livro reivindica, ao contrário, é a prática deliberada de um desencaixe inatualista. São palavras do autor, aqui livremente traduzidas:

O que há de específico em nossa investigação é dado pelo conteúdo, pela parte do passado que se usa e se abusa: Bolívar. E aqui está a justificação última da nossa escolha: a mesma figura histórica que circula como mito ou mercadoria cultural, guarda um material "reativo" aos usos atuais do passado de que é presa. Bolívar, como paradigma do sujeito moderno, do Iluminismo latino-americano se assim quiser, construiu seu projeto político a partir da rigorosa articulação (com os limites de sua formação intelectual, classe e tempo) entre a leitura do passado americano e o planejamento político, isto é, através da articulação, ou produção, da consciência histórica. É nesse sentido que podemos dizer que Bolívar não é nosso contemporâneo, mais ainda, é uma figura "ultrapassada" ("inatual"). E é nessa qualidade que se baseia a eficácia crítica do seu pensamento e itinerário político sobre o nosso presente. [...]. Ao contrário do senso comum progressista, aqui não identificamos o trabalho crítico do que existe com as afirmações sobre a "atualidade de Bolívar» (Bolívar já tinha avisado! Isso já acontecia no tempo dele! Já dizia o que tinha que ser feito... vamos fazer agora!) mas com os da sua desatualização, na medida em que ilumina o que falta hoje. Bolívar está inatual não no mero sentido cronológico (nem tudo no passado está necessariamente inatual), mas também porque foi um sujeito que habitava uma nova ideia de seu tempo: a história em seu conceito moderno, o mesmo que, há algum tempo, vem perdendo todas as evidências para nós.²⁰

¹⁹ Ver PEREIRA, Mateus e ARAUJO, Valdei. *Atualismo 1.0.*: como a ideia de atualização mudou o século XXI. Vitória-Mariana: Milfontes/Editora da SBTH, 2019. Pablo Aravena dialoga diretamente com François Hartog, para quem o presentismo é, simultaneamente, o nosso regime de historicidade atual e um diagnóstico do presente. Ver HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Entretanto, é importante apontar que há outras abordagens, nas quais o presentismo é visto como uma forma crítica relevante de avaliação e de transformação do presente. Nesse caso, ver, por exemplo, ARMITAGE, David. In defense of presentism. In: McMAHON, Darrin M. (ed.). *History and human flourishing*. Oxford: Oxford University Press, 2023, DEILE, Lars. Favoring na offensive presentism. In: SIMON, Zoltán Boldizsár e DEILE, Lars (eds.). *Historical understanding: past, presente and future*. London: Bloomsbury, 2022, e PELEKANIDIS, Theodor e IMAZ, Mariana. We are all presentists: towards a critique of established notions of history. *Resistances: Journal of the Philosophy of History*, v. 5, n. 10, Quito, 2024.

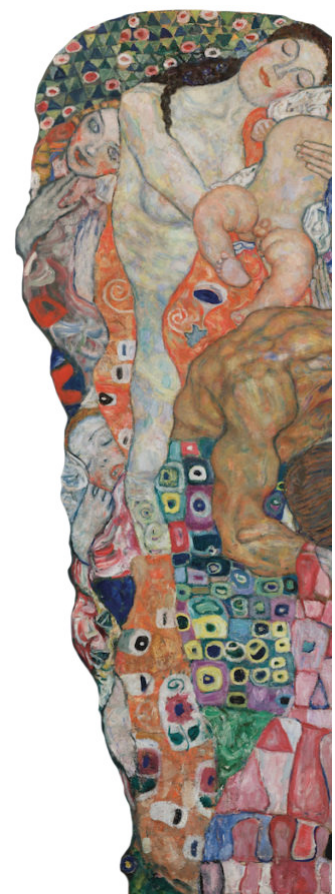
²⁰ ARAVENA NÚÑEZ, Pablo, *op.cit.*, p. 26 e 27.

O projeto político de Bolívar estruturava-se a partir de uma relação tensa e contraditória entre as exigências do presente e uma leitura das experiências pretéritas transformadas nos embates da luta cotidiana em um “passado prático”. A consciência histórica nascida dessa articulação entre passado e presente conformava as possibilidades de futuro e abria o tempo para a intervenção e a agência humanas. São esses aspectos da falta que Aravena registra e que, em última análise, podem suscitar uma reflexão sobre como experimentamos e escrevemos a história hoje. Segundo Natalia Taccetta, o livro de Aravena problematiza a noção do herói-libertador que age no, desde e contra o seu tempo. Nessa perspectiva, o historiador analisa

*a racionalidade com que Bolívar prefigurou o projeto político hispano-americano, assumindo-o como uma experiência moderna do tempo em que passado, presente e futuro se entrelaçam como um complexo específico. Bolívar, um sujeito americano-moderno, forjava a História quando ela ainda é um caminho em construção, especialmente para a América Latina numa época em que era apenas América e ainda menos latina do que agora.*²¹

É na inscrição da ausência de profundidade histórica nas atuais apropriações de Bolívar que se evidencia o deslocamento com o qual Aravena constrói seu argumento. Esse desajuste suscita a interrogação sobre como seria uma escrita biográfica intempestiva, inatual, capaz de forjar essa noção de contemporâneo fundada no desencaixe e no anacronismo. Evidentemente, não é possível ser normativo nesse aspecto. Importa, antes, refletir sobre como as biografias – especialmente aquelas escritas por historiadores – podem interperlar o tempo por meio de articulações entre passado, presente e futuro capazes de superar o horizonte atualista da nossa própria experiência de temporalização. Por outro lado, como já apontado, a criação de um senso de proximidade em relação a um indivíduo e ao mundo que habitou constituiu-se em uma das características definidoras da biografia e, para diversos autores, desde Carlyle, na condição de possibilidade para que esse gênero fosse considerado história.²²

Assim, uma relação de identificação entre o tempo do biógrafo e o do seu personagem define a escrita biográfica e não poderia ser de outro modo: uma distância absoluta, uma desidentificação plena inviabilizaria por completo a operação historiográfica, que é também aquela da operação biográfica. O ponto, portanto, parece ser o quão inatual deve ser uma vida, um pensamento para que possamos mobilizá-los a agir sobre – e contra – o nosso presente, nos termos de Nietzsche, ao mesmo tempo em que asseguramos aquelas linhas de contato com o passado que tornam possível interrogar nossas formas de temporalização. A distância que produz a inatualidade anacrônica de que fala Aravena não é, portanto, uma interdição à empatia, ao interesse ou mesmo à expectativa de aprendizado em relação aos sujeitos de outros tempos. Signifi-



²¹ TACCETTA, Natalia. La inactualidad y sus dobleces: a propósito de La inactualidad de Bolívar, de Pablo Aravena Núñez. *Barbarie*: pensar con otros, s./l., 15 nov. 2022 (tradução minha). Disponível em <<https://www.barbarie.lat/post/la-inactualidad-y-sus-dobleces-a-prop%C3%B3sito-de-la-inactualidad-de-bol%C3%ADvar-de-pablo-aravena-n%C3%BA%C3%B1ez>>. Acesso em 10 dez. 2025.

²² Para um debate bastante sólido sobre as relações entre história e biografia ao longo do século XIX, ver LORIGA, Sabina, *op. cit.*

ca, antes, a percepção de que outras vidas estavam inscritas em modos distintos de conceber a temporalidade, em registros de historicidade diversos que, no caso de Bolívar, podem articular uma consciência histórica que, ao ligar leitura do passado e projetos de futuro, se apresenta como estranha às nossas formas contemporâneas de mercantilização da história.

Uma biografia “inatural” não considera, por outro lado, a diferença epocal como dada, uma evidência sustentada pela linearidade cronológica. Estabelecer o que nos é contemporâneo é atuar politicamente sobre o tempo e essa dimensão de agência temporal-epistemológica atravessa todo o livro de Aravena. Em outras palavras, a inaturalidade de Bolívar não decorre de sua anterioridade e de seu projeto intelectual e político que buscava estabelecer um lugar para a América Latina no moderno conceito de história. Ela advém de uma diferença e de uma falta que só se tornam visíveis quando confrontadas com nosso presente esvaziado de sentido histórico. Esse confronto é, ao mesmo tempo, uma operação epistêmica e política.

Entre os acontecimentos disparatados, as fraturas na experiência de um indivíduo e a operação escriturária que os transforma em biografia, há um conjunto de mediações e intervenções que se inicia, como já demonstrou Maria da Glória Oliveira, pela própria narrativa.²³ Uma vida, nesse prisma, só adquire sentido se narrada. Essa identidade narrativa, cara também às reflexões de Paul Ricoeur, tem se mostrado útil como ferramenta para compreender como as experiências temporais de um mesmo sujeito podem ser inscritas em um tempo humano, inteligível, narrativo, fenomenológico e cosmológico. Simultaneamente, essa identidade realiza dois movimentos: promove uma síntese do heterogêneo – isto é, unifica, sob a forma de uma intriga, a pluralidade de acontecimentos que se sucedem na vida de um indivíduo – e identifica essa síntese a um sujeito que age, no sentido empregado por Hannah Arendt, do agir como dar início a algo, como imprimir ação a alguma coisa.²⁴ Como resultado, forja-se, na percepção de Ricoeur, uma ipseidade, uma constituição do ser que não se define como um si mesmo, mas como um para-si, o que implica considerar as transições, mudanças e movimentos próprios da mutabilidade que atravessa todas as existências.²⁵

As categorias de Ricoeur aqui sumariamente apresentadas (identidade narrativa, ipseidade) constituem instrumentos importantes de construção de biografias na medida em que conferem suporte heurístico e descritivo ao entendimento do desenrolar de acontecimentos de uma existência. Certamente, podemos identificar, na análise de Bolívar feita por Pablo Aravena, esses elementos que conformam uma identidade relacionada à consciência histórica desse personagem em um momento decisivo da vida política da América Latina, no qual se disputava não apenas a libertação do continente, mas o seu lugar na história que então se construía como um dos corolários da modernidade à qual Bolívar aspirava integrar-se.

A potencialidade da identidade narrativa, como instrumento discursivo capaz de dar organicidade aos movimentos heterogêneos de uma trajetória,

²³ Ver OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? *Indivíduo, tempo e histórias de vida*. *Topoi*, v.18, n. 25, Rio de Janeiro, maio-ago. 2017, p. 431.

²⁴ Ver ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

²⁵ Ver RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

pode ser, simultaneamente, seu maior risco: o de produzir uma unicidade existencial que seja também temporal. Parece-me que um dos ganhos da reflexão de Aravena está em destacar que as fronteiras temporais não são realidades impostas, mas políticas do tempo, como já discutiram inúmeros outros autores. Nesse sentido, cito expressamente uma passagem de um artigo da filósofa da história Maria Inés Mudrovcic:

*Quando acreditamos que algo que está cronologicamente presente já pertence ao passado, [...] ou, ao contrário, quando um passado nos parece muito presente, ou quando pensamos que o futuro está fechado ou desconectado do presente, abre-se um interstício que nos permite questionar a experiência do presente como ‘naturalizado’, ‘dado’ ou ‘observado’. Nesse sentido, a noção de políticas do tempo nos permite questionar como estabelecemos os limites de nosso presente e criamos formas de alteridade temporal que são estranhas à mera simultaneidade cronológica.*²⁶

A reflexão de Mudrovcic aponta para um problema decisivo nas discussões sobre a temporalidade: a consideração de que as distinções entre passado e presente são mais um problema a ser investigado do que um dado ontológico. Abre-se, aqui, a possibilidade de pensar tais distinções por meio de um gesto performativo que, de acordo com Walderez Ramalho, enfatiza a separação entre presente e passado como sendo “regulada e modulada por meio de atos de fala realizados pelo historiador ou ator social em questão, sem descuidar da situação histórica específica em que se dá o proferimento”.²⁷

O Bolívar “inatural” não decorre de um simples desajuste cronológico, mas da opção, feita por Aravena, por uma forma específica de intervenção intelectual crítica no presente, em contraposição ao esvaziamento presentista do conceito moderno de história e de sua forma correlata de consciência temporal. As apropriações monumentalizadas e fetichizadas do Libertador podem ser um caminho fecundo para refletirmos sobre como certos personagens do passado são lidos contemporaneamente por chaves que não são propriamente históricas.

Aravena não contrapõe uma melancolia presentista – fruto de uma desorientação temporal causada pela aceleração contemporânea – a um passado idealizado em que Bolívar teria construído seu projeto político e intelectual. O Libertador também precisou dar respostas a um tempo que parecia consumir a si próprio em uma velocidade jamais vista. Não era este, afinal, o sentido da dissolução de tudo que parecia sólido? Sua vida foi tramada por ele e pela história em um movimento que hoje nos soa cada vez mais estranho. Essa estranheza talvez se relacione ao enfraquecimento da função narrativa, aquela que possui uma significação estrutural na configuração da experiência. Bolívar nos é inatural porque a sua tarefa política e existencial consistia em elaborar formas e representações do comum, mesmo em meio ao desmoronamento de mundos imperiais que pareciam contemplar os destinos e fins da história.

²⁶ MUDROVCIC, María Inés. The politics of time, the politics of history: who are my contemporaries? *Rethinking History: The Journal of Theory and Practice*, v. 23, n. 4, London, 2019, p. 458 e 459 (tradução minha).

²⁷ RAMALHO, Walderez. Sobre os limites do tempo: história do tempo presente, policronia e representatividade. *História*, v. 42, Assis-Franca, 2023, p.11.

O inaturalismo de Bolívar e a opção por enredá-lo sob a orientação de um sentimento de perda da história não constituem leituras últimas e cerradas. O gesto crítico de Aravena envolve duas dimensões profundamente interligadas. A primeira está vinculada à relação entre o projeto intelectual de Bolívar e os usos de sua figura política pelos bolivarismos contemporâneos. É nesse contraste que Aravena constrói o seu Bolívar e, se o ponto de partida fosse outro, distinta também seria a narrativa que organizaria os fatos da vida deste personagem central na história latino-americana. A segunda dimensão implica considerar que a representação do Libertador singulariza igualmente uma política do tempo, a partir, no caso do livro de Aravena, de uma análise sobre a perda ou esvaziamento do moderno conceito de história. Passado, presente e futuro, portanto, são mobilizados por meio deste gesto que define uma ruptura que todos deveríamos lamentar. Bolívar não nos é contemporâneo, mas poderia sê-lo se outras fossem as perguntas de Aravena e outro fosse seu ato performativo de estabelecimento da alteridade temporal.

A constatação quase evidente de que os biógrafos precisam lidar com o fracionamento das identidades e com a dispersão de fragmentos de personalidades múltiplas em um mesmo indivíduo poderia ser complementada – e este me parece um notável ganho epistêmico do livro de Aravena – por outra: a de que a ausência de uma identidade inviolável permite que distintas políticas do tempo sejam mobilizadas em uma narrativa biográfica. Há, nesse ponto, uma conjugação analiticamente forte entre a identidade narrativa, da qual falava Ricoeur, e a noção de políticas do tempo. Portanto, enfatizar tal ou qual aspecto de um indivíduo significa, nessa chave, estabelecer relações específicas entre passado, presente e futuro. Ao situar um personagem como atual ou inatural, a biografia poderia nos ajudar a enfrentar a questão de saber se estamos diante de um dispositivo de autoridade capaz de demarcar fronteiras temporais e de revesti-las de visibilidade por meio do gesto narrativo.

Ricoeur dedicou um considerável esforço intelectual para esclarecer a dialética entre mesmidade e ipseidade na constituição da identidade individual ao longo do tempo. A tese do filósofo francês é conhecida: a função da narrativa na configuração temporal de uma vida é mais apropriada ao conceito de ipseidade, na medida em que este admite a transformação, a mutabilidade e a fragmentação das experiências de um indivíduo. Não se trata, decerto, de uma ausência de identidade, mas de sua constituição na mudança. Uma das consequências é que a trajetória de uma vida está entrelaçada à de muitas outras, e não há narrativa biográfica possível fora dessa relação de alteridade. A organização retrospectiva dos acontecimentos ou dos pensamentos de um indivíduo seria inviável sem o recurso à ficcionalização.²⁸ O ficcional não é sinônimo, nesta perspectiva, de fabulação, mas, como já havia atestado Jacques Rancière, trata-se da forma narrativa que mostra como vozes e palavras desenham progressivamente sua rede temporal.²⁹

Retornemos, pela última vez, ao livro de Aravena. O Bolívar ali narrado era o político e revolucionário que lutava não apenas pela emancipação de uma larga extensão da América Latina, mas também para construir o lugar

²⁸ Ver RICOEUR, Paul, *op. cit.*, p. 118.

²⁹ Ver RANCIÈRE, Jacques. *Les bords de la fiction*. Paris: Seuil, 2017, p. 147.

deste espaço em uma modernidade sustentada, entre outros aspectos, por uma transformação profunda nas formas de conceber a história e o sentido mesmo de “fazer a história”. Aravena forjou, portanto, uma certa unidade capaz de apreender os sentidos das experiências da vida de Bolívar, remetendo-as a uma compreensão que estabeleceu uma cesura temporal: aquela entre o tempo de uma consciência moderna e o tempo em que nos é dado viver, marcado pela aceleração presentista. A vida narrada como história é também, portanto, aquela em que o indivíduo se confronta com o tempo e, por que não, com seu próprio biógrafo. Como aponta Maria da Glória Oliveira, em diálogo com Paul Ricoeur, “o que está no cerne da noção [de ipseidade] e, por conseguinte, apresenta-se como perspectiva fecunda para a renovação da legitimidade da tarefa biográfica é a ênfase na temporalidade do sujeito (o quem da ação), cuja identidade se torna tangível fora das mediações narrativas que não ‘cessam de se fazer e se desfazer’”.³⁰

Aravena construiu um certo Bolívar, mas poderia ter elaborado outros ou mesmo desfazê-lo por completo. Os personagens biografados nunca conseguirão, decerto, impor sua própria história sobre os biógrafos. Talvez, por outro lado, eles estejam sempre disponíveis para os usos – atuais ou inatuais – do presente. Esses homens e mulheres jamais se deixam capturar nas perguntas mais óbvias sobre quem são ou como desejam ser conhecidos. Suas vidas só adquirem sentido quando redescobertas ou narradas. E tais narrativas são meios pelos quais o desconexo e o heterogêneo ganham forma e se transformam em eventos.

A “ilusão contextual” e o acontecimento

A discussão sobre o inaturalismo e sobre as políticas do tempo, situadas nas escolhas feitas pelos biógrafos, levou-me a pensar em um outro desconforto que originou este ensaio: os modos pelas quais boa parte das teses e dissertações que tratam de indivíduos e suas trajetórias estruturam suas estratégias narrativas. Explicitando melhor: o incômodo deveu-se ao recurso quase sempre inegociável de apresentar os sujeitos e suas trajetórias inseridos em contextos históricos, cujos recortes poderiam variar – enfatizando dimensões culturais, políticas ou econômicas –, mas que são dotados de força explicativa inconteste. Nas construções textuais destes trabalhos, não era raro que a elucidação dos contextos antecederesse ao próprio aparecimento dos personagens, como um palco indispensável sem o qual os atores sociais não teriam como agir. Soluções intermediárias, que defendem que uma biografia deve sempre enfatizar um justo ponto de equilíbrio entre as ações de um indivíduo e os quadros ou camadas contextuais nos quais ele se insere, têm funcionado mais como um desvio do que como um enfrentamento do problema.

Gostaria de iniciar com duas passagens às quais cheguei por meio do já mencionado texto de Maria da Glória Oliveira sobre a noção de identidade narrativa. A primeira é de Montaigne, em seu *Ensaio*: “somos todos feitos de peças separadas, e num arranjo tão disforme e diverso que cada peça, a todo

³⁰ OLIVEIRA, Maria da Glória, *op. cit.*, p. 442.

instante, faz seu próprio jogo”.³¹ A segunda é, novamente, de Paul Ricoeur, retirada de uma de suas conferências: “E, todavia, essa assimilação da vida a uma história não é evidente, é até uma ideia banal que é preciso, primeiramente, submeter a uma dúvida crítica”.³²

Os historiadores, embora cientes dos perigos apontados por Montaigne e Ricoeur, sustentaram a possibilidade de narrar vidas e de oferecer aos seus leitores alguma forma de conhecer as experiências de outros sujeitos ao longo do tempo. As condições de possibilidade da narrativa biográfica supõem, em algum grau, que seja possível atribuir a um indivíduo um conjunto razoavelmente coerente de ações capazes de configurar uma identidade, ainda que permeável a imprecisões e tensões internas. Por outro lado, podemos admitir que uma vida seja pouco suscetível a regularidades e constâncias em meio a disparidade de eventos que a cercam.

É possível argumentar que uma das estratégias usualmente mobilizadas pelos historiadores para enfrentar os dilemas assinalados por aqueles dois autores tem sido oferecer uma estabilização metodológica primária, que consiste em situar o indivíduo em seu contexto – ou contextos – de modo que suas ações e os acontecimentos de sua vida possam ter lugar em marcos claramente discerníveis. A contextualização é, desse modo, uma operação que torna visível um indivíduo, ao mesmo tempo em que o demarca em circunstâncias e espaços estabilizantes.

A noção de contexto histórico pode ser vista, então, como um desses canteiros seguros da inquirição historiográfica, dotada de um valor teórico-epistemológico evidente por si só e que, portanto, assegura a conformação de uma lógica territorial capaz de reduzir embates e disputas intelectuais no campo historiográfico. Mais difundido atualmente do que acepções similares – como “ambiente”, “atmosfera” ou “meio” – o termo parece favorecer o historiador por estar “livre de toda implicação teórica”, funcionando como uma “ferramenta analítica sem conteúdo próprio e sem extensão pré-definida”.³³

Há, certamente, um conjunto significativo de trabalhos que redimensionaram as acepções mais correntes desse exercício de contextualização.³⁴ No âmbito dos estudos biográficos, Sabina Loriga reconheceu que a micro-história reposicionou as discussões sobre as relações entre os indivíduos e os sistemas

³¹ MONTAIGNE. *Os ensaios: uma seleção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 210.

³² RICOEUR, Paul. A vida: uma narrativa em busca de narrador. In: *Escritos e conferências I: em torno da psicanálise*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 197.

³³ PIRON, Sylvain. Contexte, situation, conjecture. In: BRAYARD, Florent (dir.). *Des contextes en histoire*. Paris: CRH, 2011, p. 35.

³⁴ Ver, por exemplo, AKMAN, Varol. Rethinking context as a social construct. *Journal of Pragmatics*, n. 32, Amsterdã, 2000; BOUCHER, David. *Texts in context: revisionist methods for studying the history of ideas*. Boston: Martinus Nijhoff Publishers, 1985; BRAYARD, Florent (dir), *op. cit.*; BURKE, Peter. Context in context. *Common Knowledge*, v. 8, n. 1, Durham, 2002; CLARK, Elizabeth A. *History, theory, text: historians and the linguistic turn*. Massachusetts: Harvard University Press, 2004; GUILHAUMOU, Jacques. L’histoire des concepts: le contexte historique em débat (note critique). *Annales. Histories, Sciences Sociales*, n. 3, Aubervilliers, 2001; JAY, Martin. Historical explanation and the event: reflections on the limits of contextualization. *New Literary History*, v. 42, Baltimore, 2011; KOIKKALAINEN, Petri. Contextualism dilemmas. Methodology of history of political theory in two stages. *History of European Ideas*, v. 37, London, 2011; LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1983; RAYNAUD, Dominique. Le contexte est-il un concept legítimo de l’explication sociologique? *L’Année Sociologique*, v. 56, n. 2, Paris, 2006; SCHIFFMAN, Zachary Sayre. Historicizing history/contextualizing context. *New Literary History*, v. 42, n. 3, Baltimore, 2011, e SHOGIMEN, Takashi. On the elusiveness of context. *History and Theory*, v. 55, Middletown, 2016.



normativos ao postular que “o contexto histórico corresponde bem mais a um tecido conjuntivo atravessado de campos elétricos de intensidade variável do que a um conjunto compacto e coerente”.³⁵ No entanto, a mesma autora adverte que essa solução não dissipou uma “sensação de vertigem”, pois, “se consideramos o contexto como círculos superpostos dos quais o centro de um se situaria na circunferência de outro e assim por diante, o trabalho de compreensão histórica se torna inesgotável, cada espaço e cada tempo remetendo a outro espaço e outro tempo”.³⁶

Temo não ter a saída para o atordoamento descrito por Loriga. Por outro lado, alguns caminhos sugestivos podem ser encontrados na reflexão de Claude Romano sobre a ideia de acontecimento como irrupção que gera futuros imprevisíveis. Um acontecimento pode ser entendido menos pelo mundo que o precede do que por aquele que faz surgir. Como eminência inantecipada, ele é capaz de reconfigurar os possíveis do mundo e de si mesmo. Isso o distingue claramente de um fato, ou de um “acontecido”, nos termos de Romano, que se inscreve em um contexto e “resplandece em um ante-mundo” ou em “pré-mundo”.³⁷ O fato segue a ordem do aparecimento temporal demarcado entre passado, presente e futuro. Só há porvir no horizonte de aparecimento de um fato ainda não presente, enquanto esse se inscreve de antemão numa ordem causal determinada pelo contexto. O tempo, nessa ótica, “como sucessão-dos-fatos é originalmente uma estrutura do mundo como contexto aconteciário”.³⁸

O acontecimento é o começo absoluto: surge como extensão de si mesmo e ultrapassa o fato da sua efetuação. Essa ruptura impulsiona o futuro aberto pelos possíveis dos acontecimentos, sobrevém ao sujeito e o constitui como instância própria produtora de novos eventos. Eles instauram crises e, ao abrirem o tempo, tramam a história. Ao contrário dos fatos, os acontecimentos não derivam de um contexto prévio, mas aportam o seu próprio contexto de aparição. Eles irrompem subtraídos de toda previsão e, assim, produzem modificações fundamentais na *ipse* capaz de recebê-los. Romano preocupa-se com uma fenomenologia hermenêutica do aparecer dos acontecimentos, entendida como o surgir de algo novo no mundo. Não se trata, portanto, apenas da passagem de um estado de coisas a outro, mas da eclosão de um estado de coisas. O acontecimento “faz o mundo”, colocando em questão o seu próprio processo de formação e instaurando uma crise permanente.

Sendo irrupção sem espera, poder-se-ia falar de uma estrutura narrativa inerente aos acontecimentos? Para Romano, não há apreensão imediata, pois eles escapam aos nossos compromissos existenciais e às nossas compreensões frontais. Isso implica que só são acessíveis – narrativamente – *a posteriori* e, não possuindo origem contextual identificável, sequer podemos dizer que há memória deles, exceto justamente pela *storytelling*.³⁹

³⁵ LORIGA, Sabina, *op. cit.*, p. 122.

³⁶ *Idem*.

³⁷ ROMANO, Claude. Acontecimento y mundo. *Persona Y Sociedad*, v. XXI, n.1, Santiago, 2001, p. 115.

³⁸ ROMANO, Claude. *L'évenement et le temps*. Paris: PUFF, 1999, p. 161.

³⁹ É interessante ter em conta que esta abordagem de Romano o distancia de uma importante corrente dentro da fenomenologia. Penso, por exemplo, no contraste com os estudos de David Carr sobre o papel da narrativa na representação do passado. Contrariando autores como Louis Mink e Hayden White, para

Esse registro fenomenológico impõe a percepção de que os acontecimentos só existem como tais porque se mostram em si e a partir de si. Mas há uma questão pertinente, já postulada por Jean-Luc Marion: como um acontecimento-evento “pode reivindicar desdobrar-se por si mesmo e em si mesmo se um Eu transcendental o constitui como objeto, colocado à disposição para e pela reflexão”?⁴⁰ A pergunta de Marion torna-se ainda mais desestabilizadora se pensarmos os atos de uma vida como acontecimentos, no sentido descrito por Romano. Neste caso, os indivíduos, afinal, não seriam eles próprios agentes que – e apenas eles – poderiam dotar de intencionalidade e intuição os movimentos de suas existências? Portanto, qual é exatamente a tarefa de um biógrafo quando narra uma vida entendida como sucessão de eventos?

Uma filosofia do acontecimento poderia ser caracterizada, assim, como o deslocamento das noções de movimento e efetividade de seu sentido substancial para o ser enquanto acontecimento. Essa transferência situa-se na própria realização do sujeito como, de acordo com Levinas, “puro ato de existir”⁴¹, que recusa toda absorção a um sistema de pensamento. O reino das necessidades, típicas das formalizações contextuais, deve agora ser preenchido pela contingência, pela força do fluxo vital, o que faz com que “o acontecimento da existência seja outra coisa que a realização de um fim preexistente de algum modo”.⁴²

Quais as possíveis consequências destas considerações para o gênero biográfico? Uma primeira apreensão, decorrência quase óbvia do que foi exposto, é a de os acontecimentos ocorrem a alguém. Os sujeitos são capazes de experimentá-los e serem tocados, transformados e alterados pelo que advém. É importante compreender que essa capacidade é o próprio efeito de estar aberto ao novo, de acolher a irrupção em relação ao que precede. Como afirma Claude Romano, “em síntese, a ipseidade designa a capacidade de nos apropriarmos dos acontecimentos relacionando-nos pessoalmente com eles e, através dessa apropriação, de advir a nosso próprio si, quer dizer, de adquirir uma singularidade”.⁴³

Neste ponto, Romano se afasta das teorias do sujeito que postulam que sua capacidade reside no desdobramento de si mesmo na ação, como em Paul Ricoeur. Mas há um relevante ponto de contato entre ambos: em suas concepções, a constituição do sujeito é sempre um processo inacabado e em movimento; em Ricoeur, pela narrativização incessante da experiência; em Romano, pela abertura constante produzida pelos acontecimentos em direção a novos horizontes e formas de estar no mundo. Aqui, entretanto, surge uma aparente contradição: toda constituição se dá a posteriori e o que a *ipse* faz é figurar, desfigurar e refigurar incessantemente os possíveis abertos pelos aconte-

os quais não há uma figuração narrativa inerente à realidade histórica, Carr procura demonstrar que nossa relação com a experiência e com o passado é, em si, narrativa. Os acontecimentos são, portanto, configurados e estruturados pelo próprio princípio da ação humana que contempla uma estrutura narrativa articulada entre a memória do passado e a antecipação do futuro. A historiografia, nesta reflexão, é uma prática de segunda ordem que lida com camadas prévias de sentido. Ver CARR, David. *Time, narrative and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

⁴⁰ MARION, Jean-Luc. *De surcroît: études sur les phénomènes saturés*. Paris: PUF, 2011, p. 36.

⁴¹ LÉVINAS, Emmanuel. *Les imprévus de l'histoire*. Montpellier: Fata Morgana, 1994, p. 98.

⁴² *Idem, ibidem*, p. 99.

⁴³ ROMANO, Claude. *L'événement et le temps, op.cit.*, p. 20.

cimentos. A irrupção desestruturadora do acontecimento faz sempre do sujeito uma promessa que não se realiza. O eu não pode preencher os acontecimentos, mas tampouco pode deixar de experimentá-los – ou melhor, de fazer sua própria experiência a partir deles. Isso produzi, segundo Romano, formas distintas de compreensão para os fenômenos passados, presentes e futuros: o porvir como o horizonte de aparecimento dos fenômenos em sua eventualidade imprevista; o ter-acontecido como dimensão da atualidade ou da inatualidade dos acontecimentos e das histórias; e o presente como lugar de configuração do mundo.

A temporalização da experiência sugerida por Romano suscita uma reavaliação da tese de Paul Ricoeur sobre a identidade narrativa, na medida em que esta se orienta pela pressuposição de que, sendo o homem possuidor da capacidade de ação, pode-se imaginar dele o inesperado, o infinitamente improvável. A abertura à mudança é, portanto, a característica central da noção de ipseidade formulada por Ricoeur, ainda que ela não se desvie por inteiro das expectativas da permanência de uma certa vontade de identidade. Um dos ganhos dessa perspectiva está justamente em sua consideração de que o agir humano como criação do novo é um aspecto central de toda narrativa que pretenda oferecer sentido à trajetória de um indivíduo. Por outro lado, parece igualmente crucial lembrar, com Claude Romano, que a *ipse* se define primordialmente pela sua capacidade primária de receber os acontecimentos, essas irrupções que se dão sem previsões ou vínculos imediatos com os quadros que designamos como contextos. Essa experiência, ainda que a priori passiva, abre o caminho para transformações profundas no sujeito e para a produção de novos acontecimentos, ou seja, uma abertura para algo distinto do que ocorreu antes. Assim, poderíamos pensar em estratégias narrativas renovadas a partir da ideia de que as ações de um indivíduo funcionem como eventos geradores de contextos que, em uma visada retrospectiva, enfim, explicam-no. Portanto, não mais buscar a lógica explicativa nas causas de um evento-ação, mas em suas consequências. O futuro, talvez, explicando o passado, como na passagem de Bergson: “Na medida em que a realidade se cria, imprevisível e nova, sua imagem se reflete atrás dela no passado indefinido; ela se encontra, assim, como um ter sido possível, desde sempre”.⁴⁴

Pensar trajetórias e suas formas narrativas a partir da ênfase na irrupção dos acontecimentos e nas consequências sobre os sujeitos não oferece soluções definitivas para o problema da constituição de si; ao contrário, aprofunda a questão ao colocar em primeiro plano as interseções entre indivíduo, experiência e tempo. Nesse entrecruzamento, reconhece-se que as histórias de vida não possuem um horizonte narrativo absolutamente intrínseco, mas se constituem pela recepção aos acontecimentos – que, afinal, são os que afetam e transformam os indivíduos – e pelas refigurações estéticas operadas pelo biógrafo. Homens e mulheres podem ter suas histórias contadas sem que precisem ser forçosamente situadas em contextos que, por mais problematizados que sejam, não se desfazem de sua carga normativa. Trata-se de admitir que os contextos podem ser desfeitos diante da emergência do inesperado, do que não foi e nem podia ser antecipado. E não recuso também a observação de

⁴⁴ BERGSON, Henri. *La pensée et le mouvant*. Paris: Flammarion, 2014, p. 146 (tradução minha).

Ricoeur de que, os *insights* narrativos da biografia não poderão oferecer inteligibilidade à unidade narrativa de uma vida sem recorrer a um “misto instável entre fabulação e vivência”.⁴⁵ Não poderia ser diferente quando pressupomos que o dilema de todo biógrafo, como assinalado por Glória Oliveira, se localiza entre o “suposto caráter coeso e invariável do sujeito biografado e a notória multiplicidade de contradições e incongruências que caracterizam uma existência individual”.⁴⁶

A narrativização não está ausente das reflexões de Romano sobre a *ipse* que apreende os acontecimentos. A distinção, aqui, é que essa narrativização jamais está na ordem dos acontecimentos em si, pois estes são sempre a irrupção de algo sem antecedentes, sem ordem cronológica ou memória localizável. Trata-se, além disso, de um desdobramento de outra pergunta fundamental: como compreender um acontecimento que, diferentemente de um fato, prescinde de contextos e cadeias de causalidade? Esta compreensão, sugere Romano, é dada pela própria experiência com os acontecimentos, um *après-coup* que, complemento, só pode ser elucidado pela narrativa.

A responsividade aos acontecimentos, mais do que a ação que deliberadamente inicia algo, constitui o aspecto estruturante do “eu”. Essa chave poderá, quem sabe, abrir o caminho para possibilidades narrativas efetivas para o enfrentamento dos impasses que sempre caracterizam qualquer projeto biográfico. Todas as gerações colocaram perguntas sobre os sentidos, alcances e limitações da escrita biográfica. Narramos, por vezes, as mesmas vidas na expectativa de conhecer algo ainda não revelado dos personagens biografados ou, ambição maior, da época em que viveram. Admitimos alguma coerência identitária onde possivelmente ela é frágil ou ausente. A temporalidade e a narração se insinuam nas fendas destas vidas imprecisas, fraturadas e implicadas em transformações que desestabilizam os marcos que pretendíamos definir como contextos. Mais ainda: vidas que podem ser adornos de um uso estético e trivializado do passado.

Parece, portanto, que ainda há muito a ser dito sobre a biografia. Seu hibridismo constituinte nos coloca nas fronteiras entre narrativa, tempo e identidade. No movimento do mesmo para o outro, tal como a *ipse* de Ricoeur, biografado e biógrafo se entrecruzam em um jogo cujos movimentos nunca parecem definidos de antemão. Atualidade e inatualidade, contexto e acontecimento, tempo e narrativa apresentam-se como elementos que permitem uma mirada sobre a escrita biográfica que não se reduz à busca pela constância de uma identidade transformada em objeto de uma escrita coesa. O que pode ser produtivo, como reflexão sobre tempo, indivíduo e história, é justamente uma escrita desestabilizadora, um acontecimento escriturário que provoca estranhamento. A expectativa deste ensaio foi a de apresentar algumas perspectivas modestas de ampliação deste experimentalismo que, ademais, não é novo na escrita biográfica e se abre cada vez mais para um gesto crítico de pensar com e contra o tempo.

Artigo recebido em 8 de dezembro de 2025. Aprovado em 29 de dezembro de 2025.

⁴⁵ RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*, op. cit., p. 171.

⁴⁶ OLIVEIRA, Maria da Glória, op. cit., p. 442.